

## O monólogo interior no conto de Clarice Lispector

Rosana Favaro Flores & Simone Minetti Sarturi©

### Abstract<sup>o</sup>

*This work shows a little study about the introspective monologue, which is very used by Clarice Lispector in her books. This characteristic of hers is very clear in the short story chosen as a example.*

### Resumo

Este trabalho apresenta aspectos sobre o monólogo interior, que Clarice Lispector muito trabalhou em suas narrativas. Isso fica evidente no conto escolhido como exemplo.

### Breve Histórico do Conto

O conto não tem sua origem conhecida, todavia alguns historiadores a atribuem às sociedades primitivas, que passavam suas lendas através da oralidade; outros dizem ter surgido com as pequenas narrativas na Bíblia. O fato é que ele serviu de base para outras formas literárias, como a prosa de ficção, a novela, o romance e a historiografia. Um dos maiores exemplos de conto surgiu na Pérsia, no século X, *As Mil e Uma Noites*. Este conjunto de contos narra o dia-a-dia dos povos orientais. Outro exemplo é o dos contos eróticos de Boccaccio, no *Decameron* (1350), que rompe as barreiras do moralismo estético. Sob a influência de Boccaccio surgiu Gonçalo Trancoso, o primeiro contista português. Merecem destaque Voltaire, Balzac, Flaubert e Maupassant na França. Machado de Assis é o grande representante da contística brasileira, introduzindo a análise psicológica das personagens. Também Clarice Lispector se destaca na narrativa curta, enveredando para a linha intimista, de introspecção.

### Introdução

No conto *A bela e a fera*<sup>2</sup> é apresentado um só conflito, ou seja, há uma unidade de ação, é unívoco.

Univocidade é o fato de todos os elementos do conto buscarem um mesmo objetivo e vivenciarem um único drama. As outras características do conto referem-se à unidade de ação, de espaço, tempo e tom.

Num conto tradicional, o espaço se restringe a uma rua ou uma casa, sem muitos deslocamentos. É uma obra fechada, na qual não existe a possibilidade de continuação. O tempo apresenta uma seqüência linear. O tom consiste na preocupação do escritor em causar no leitor uma sensação previamente determinada, como espanto ou admiração.

O conto tradicional, objetivo, linear e rico em diálogos apresenta-se narrado, geralmente, em terceira pessoa e foge ao introspectivismo, típico do conto moderno. Por outro lado, o conto moderno apresenta uma narrativa fragmentada, sem uma ação principal e sem linearidade, porém com o intuito de conseguir o interesse do leitor e provocar nele a reflexão. O norte-americano Edgar Allan Poe é o grande representante do conto moderno, tanto pelo fato de escrever bem, como por estudá-lo e dedicar-se ao seu aperfeiçoamento.

Em alguns contos modernos existe o que se chama de "epifania"<sup>3</sup>. Isso ocorre com freqüência nos contos de Clarice Lispector. Tratando da temática da autodescoberta, o monólogo interior também é um assunto bastante comum nas obras de Clarice Lispector.

Sallénave<sup>4</sup> encontrou a seguinte definição no Dicionário de Robert: "Monólogo interior: longa seqüência de pensamentos. Na Literatura: transcrição em primeira pessoa de uma seqüência de estados de

<sup>2</sup> LISPECTOR, Clarice. *O primeiro beijo e outros contos*. São Paulo: Ática, 1979.

<sup>3</sup> Momento especial que revela uma crise existencial do homem. Aparentemente, apresenta-se como um momento trivial, mas, na verdade, é de pura revelação súbita de algo que a personagem nunca tinha dado importância. Esse termo epifania foi usado pela primeira vez pelo escritor irlandês James Joyce.

<sup>4</sup> SALLENAVE, Danièle. "Em tomo do monólogo interior: leitura de uma teoria." IN: *Masculino, Feminino e Neutro*. Ensaio de uma semiótica narrativa. Globo: Porto Alegre, 1976.

© Trabalho desenvolvido sob a orientação da Profª Drª Ceres Helena Ziegler Bevilacqua. Acadêmicas do 7º semestre do Curso de Letras-Português e Respektivas Literaturas.

consciência que se supõe que a personagem experimenta”.

### Análise do Conto

Esperando seu chofer na calçada, sozinha, em frente ao Copacabana Palace, Carla de Souza e Santos, casada com um banqueiro, mãe de três filhos, tem um momento de reflexão e aproveita para pensar na vida. Um homem sem uma perna, agarrando-se numa muleta, parou diante dela e pediu dinheiro porque queria se alimentar. A princípio, ela se viu assustada, depois, começou a refletir sobre as diferenças sociais entre ela e o mendigo. Ela não sabia nem mesmo quanto se costumava dar de esmolas, por isso, ela ofereceu os quinhentos cruzeiros que tinha na bolsa (acredita-se que essa quantia deveria ser muito alta na época em que o conto foi escrito).

O mendigo, desconfiado de que a mulher ou fosse muito boa ou louca, aceitou, pois sua cabeça pensava em comida e dinheiro, enquanto que a cabeça dela era cheia de festas e mais festas. Ela pôs-se a pensar, só que eram pensamentos tolos. Desesperou-se então. E lhe veio o pensamento feito de duas palavras: “injustiça social”. Seguiu com suas reflexões e questionamentos sobre a vida até o chofer chegar.

Esse conto apresenta o monólogo interior da personagem Carla, que reflete sobre a sua vida e as condições sociais em que se vive. É a sua própria consciência que ela apresenta, através do pensamento mais íntimo, anterior a toda organização lógica. O conto escolhido para ser trabalhado, “A bela e a fera ou a ferida grande demais”<sup>5</sup> apresenta-se narrado em terceira pessoa e confronta, inicialmente, dois personagens distintos: a dama e o vagabundo, com grande diferença social entre ambos. Para ela, que vivia de aparências, faltava a essência, que encontrou no mendigo.

Através desse breve resumo do conto, objetiva-se provar a existência de um monólogo interior. Segundo os críticos, ele funciona como uma técnica de apreensão do fluxo da consciência. Isso porque revela um diálogo que transcurre na mente da personagem ou do narrador-personagem, que fala consigo mesmo. Bevilaqua (2000: 40) afirma acerca disso:

*A atmosfera psicológica também se interliga à personagem, sendo necessária, muitas vezes... O recurso do monólogo interior num romance propicia esse tipo de espaço, pois, se a narrativa segue o fluxo da consciência de quem relata, ele fica limitado à visão dessa consciência, às vezes abalada.*

Atribui-se a criação do monólogo interior ao francês Édouard Dujardin. Ele publicou o livro *Les lauriers sont coupés*, em 1887, no qual empregou esta técnica pela primeira vez.

Neste conto em análise, observa-se tal fato. A consciência de Carla flui em meio ao que ela vê e sente. Portanto, isso ocorre naturalmente, sem que ela deseje. Além disso, seus sentimentos interferem no desenrolar dos fatos. Isso pode ser comprovado com os seguintes trechos retirados do conto: “... eu sou uma chama acesa! E rebrilho e rebrilho toda essa escuridão!...”, “... Socorro!!! Gritou-se para si mesma ao ver a enorme ferida na perna do homem. Socorreme, Deus, disse baixinho...”.

Nota-se que o monólogo interior da personagem é identificado no texto pelo recurso do sinal gráfico “aspas”. Isso o diferencia do rápido diálogo que a personagem mantém com o mendigo.

Quanto à epifania, ela se concretiza quando a personagem, ao ver o mendigo, pensa e conclui que ele era feito da mesma matéria que ela. Foi este o momento de revelação súbita e espontânea, pois ela percebe algo que desconhecia: a humanidade, o amor ao próximo.

Dessa forma comprova-se a presença do monólogo interior neste conto de Clarice Lispector. Além disso, por ser contemporâneo, esse conto narra a crise existencial do homem, que vive a mercê de uma sociedade caótica, logo, sempre predisposto a novas reflexões interiores, a novas epifanias.

### Referências bibliográficas

- BEVILAQUA, Ceres Helena Ziegler. *A Polifonia como elemento de modernidade no Conto de Osman Lins*. Dissertação de Mestrado. UFSM: Santa Maria, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Uma poética experimental: o romance de Osman Lins*. Tese de Doutorado. PUCRS: Porto Alegre, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *A Bela e a Fera*. São Paulo, 1979.
- SALLENAVE, Danièle. “Em torno do monólogo interior: leitura de uma teoria”. IN: *Masculino, Feminino, Neutro*. Ensaos de uma semiótica narrativa. Globo: Porto Alegre, 1976.

<sup>5</sup> LISPECTOR, Clarice. *O primeiro beijo e outros contos*. São Paulo: Ática, 1979.